

V SIANCO



## SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

**Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional**

Organização **Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento**



Apoio



Financiamento



### ARTIGO CIENTÍFICO

**EIXO TEMÁTICO: Cultura e interseccionalidade**

### **ARTESÃOS E ARTESÃS: NOSSOS GUARDIÕES DO ETNOCONHECIMENTO E A HERANÇA DOS SABERES**

Alberto Luiz Pereira da Costa<sup>1</sup> Angélica Carvalho Lemos<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo é um relato de ação extensionista do projeto intitulado “Identidade do Artesanato de Tradição Cultural de Uberaba, Minas Gerais” (2020-2021) e “Universidade Aberta ao Artesão, Artesã e Artesanato (UNA2RTE)” (2023), ambos os projetos estão vinculados ao Programa de Extensão Universitária Interfaces entre Artes, Ciências & Matemática da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Compreendemos que o caminho da matéria prima do fazer e saber e até concluir o artesanato, envolvem desde o fator de predomínio manual nas etapas, e a autonomia do artesão e artesãs. Os objetivos que nortearam as ações extensionistas foram : I) identificar por meio da promoção de Círculos de Cultura de Paulo Freire como fonte de diálogo com artesãos e artesãs e apresentar a etnomatemática envolvida nas etapas do saber-fazer artesanal; II) compreender as ações em prol da preservação do artesanato tradicional, oriundo da troca intergeracional. Dessa forma, as ações colaboram para a difusão da produção do artesanato local e de seus modos de fazer

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Pós-doutor na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, PT. Coordenador do Programa de Extensão Interfaces entre Artes, Ciências & Matemática da UFTM.

<sup>2</sup> Discente doutoranda Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (PPGICS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BS). Artesã, terapeuta ocupacional e idealizadora do Coletivo Mulheres de Herança Artesã.

e saber que são peculiares da região, além de fortalecer ações de valorização e proteção deste patrimônio material e imaterial. A atuação envolveu as modalidades virtual e presencial, híbrido. Os resultados identificamos que a estratégia de adotar Círculos de Cultura promovidos pelos projetos obtivemos adesão dos artesãos e artesãs, e a possibilidade da inserção dos saberes populares, em específico os envolvidos nas técnicas artesanais, comumente denominados saberes e fazeres do artesanato.

**Palavras-chave:** Artesanato, Economia Solidária, Saberes e Fazeres Popular.

## **INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS PALAVRAS**

Iniciamos apresentando que diante dos inúmeros conceitos para cultura decidimos acolher cultura conforme Paulo Freire (1994):

[...] tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura é a obra de um grande escultor de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancionero popular. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1994, p.117).

Ao pesquisar artesanato o compreendemos como patrimônio imaterial e material, e ao longo do nosso convívio com os artesãos e artesãs percebemos que ainda é distante a adoção de patrimônio imaterial. Frente a este fato identificamos de acordo com o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial que:

O Patrimônio Imaterial ainda não é um termo tão conhecido dos brasileiros. Mas fato é que, mesmo sem conhecer esta expressão, o patrimônio imaterial é intensamente construído e vivido pelos seus praticantes e é o resultado dos mais preciosos valores da humanidade (IPHAN, 2000, p. 1).

A preservação do patrimônio imaterial e material é uma situação que é urgente de discussão, pois sabemos que o território em questão de investigação e levantamento é um local que carece de ações nesta temática direcionada ao público-alvo de artesãos e artesãs.

O patrimônio cultural imaterial é porventura, de todos os patrimônios, o mais difícil de explicar. Todos nós convivemos com ele no dia a dia, praticamo-lo quase sem pensar, procuramo-lo em datas pré-estabelecidas e nos momentos de lazer, sentimos que faz parte das nossas vidas e memórias, mas quando tentamos defini-lo, determinar porque é importante para nós ou descrever as emoções que em nós

suscita, faltam-nos as palavras[...]. De facto, é mais fácil viver e sentir o património cultural imaterial do que falar sobre ele (CABRAL, 2011, p. 4).

E, vivemos e sentimos as obras artesanais, portanto esperamos que um aprofundamento no património imaterial das obras artesanais locais caminha de mãos dadas com o reconhecimento dos seus fazedores, os artesãos e artesãs. A exemplo, ceramistas, doceiras, bordadeiras e tecelãs. Obra artesanal, é como escolhemos nomear aqui o artesanato, pois confessamos que os termos, objeto artesanal e produto artesanal poderiam de alguma forma reduzir ou restringir o artesanato à comercialização ou a meros utilitários.

Diante da multiplicidade de conceitos que abarcam o artesanato, ainda o dilema entre arte e artesanato, vamos nos ater a compreensão do artesanato conforme o educador popular Tião Rocha, pois acreditamos que está não se restringiu as habilidades manuais ou técnica, visto que abarcou as dimensões da criatividade, a criação, a espontaneidade e a liberdade do artesão e da artesã no processo criativo. Nesse cenário, foi um alento para nós o contato com as palavras de Tião Rocha (1989, p. 39):

Fazer cestos e potes é atividade universal, mas não são universais as maneiras de fazer, nem o material com o que se faz e nem as formas ou os padrões utilizados para fazê-los. A diversificação de técnicas empregadas e de formas obtidas, definem o caráter regional do artesanato. E a face visível do artesanato regional é a marca que o grupo social que o produz deixa impregnado e registrado no barro, couro, palha, madeira, linha, fibras, etc.

Na obra *“As culturas populares no capitalismo”*, Canclini (1983, p.140) nos alerta que:

Não será suficiente para os artesãos uma política que reduza a preservar a tradição cultural (haja vista o êxodo dos jovens e a persistente miséria daqueles que permanecem em povoados inalterados) nem a mera incorporação econômica ao mercado e ao consumo capitalistas (pensemos nos artesãos convertidos em assalariados de empresários que descaracterizam os seus padrões culturais para torná-los competitivos em troca de salários medíocres).

A partir desta reflexão do Canclini nos debruçamos sobre o cenário atual brasileiro e no período de atuação um dos projetos referidos, a saber, *“Identidade do artesanato de tradição cultural de Uberaba-MG”*, este ocorreu o seu desenvolvimento durante o período pandêmico (pandemia COVID-19). Assim, os artesãos e artesãs se

encontraram sem suporte de renda ou projetos sociais e políticas públicas destinados a eles, enquanto público-alvo. Pois, frente a oferta de editais destinados a socorrer os profissionais da área cultural, a exemplos: Política Nacional Aldir Blanc e Lei Paulo Gustavo, nos trouxeram uma inquietude: Como os artesãos e artesãs vão conseguir acessar e pleitear editais da área cultural? Em virtude de que os editais têm exigido cada vez mais uma formalização da escrita seguindo os moldes de um projeto nos moldes acadêmicos. Então, nos resta o seguinte questionamento: Quem irá capacitar os artesãos para a complexidade burocrática de escrita de um projeto, incluindo a prestação de contas e os demais métodos exigidos?

Desta forma, visto que a realidade da maioria dos artesãos e das artesãs a partir de pesquisas com amostras deste público-alvo, nos possibilitaram identificar que em sua maioria os artesãos e artesãs possuem: baixa escolaridade, residente em comunidades do campo ou distritos rurais, ou nas periferias dos centros urbanos, incerteza da renda mensal, sem acesso à internet de qualidade ou inclusão digital, e possuir os equipamentos tecnológicos necessários (ex.: computador, tablet) e tantos outros...

## **O DILEMA DO INDUSTRIANATO**

Existe uma discussão entre arte e artesanato, porém a arte corresponderia certamente aos interesses da classe dominante, ou pequena burguesia que se desenvolve nas cidades como apontado por Canclini (2019). “O artesanato, ao invés disso, é visto como produto de índio e camponês, de acordo com sua rusticidade, com os mitos que aparecem em sua decoração, com os setores populares, que tradicionalmente o fazem e usam” (CANCLINI, 2019, p.243).

Diante disso, o artesanato é por vezes estigmatizado, onde dificilmente alcança as galerias de arte e o prestígio. Assim, indagamos se este fato é devido a maioria das mãos artesãs, serem mãos camponesas, mãos periféricas, portanto mãos vulnerabilizadas.

A mercantilização e industrialização massifica até o objeto artesanal, capturando seu núcleo (manual, a autonomia no fazer e a identidade local) e tentando a todo custo sob pretexto do empreendedorismo o foco na comercialização e em adaptar o objeto artesanal as exigências do cliente. A exemplo, seguir tendência de

moda, vender pelo menor preço possível, isso intensifica a precarização do trabalho artesanal.

Desse cenário urge o industriarianato, fenômeno no qual um produto artesanal é descaracterizado devido ao processo de industrialização e massificação (PINHO, 2002). Estes produtos (industriarianato) são geralmente comercializados em lojas destinadas ao turismo que vendem produtos industrializados com rótulo de artesanais, “[...] é a descaracterização do artesanato e sovernização do produto artesanal” (PINHO, 2002, p.172).

Então, o industriarianato conforme apontado por Pinho (2002, p.172):

o produto artesanal tem sido substituído, nos últimos anos, por uma imensa invasão de estereótipos externos e desnaturalizados que assolam e invadem as imagens, os objetos e os diversos produtos, provocando absoluta e descaracterização de identidade.

A adoção do artesanato atualmente na sociedade de acordo com Leite (2005) se ampara em duas perspectivas: a tradicionalista e a mercadológica. E sob uma perspectiva mercadológica é a crença de que “certas inovações estéticas na produção artesanal como meio de inseri-lo no mercado e assegurar sua reprodutibilidade, ainda que em um estado alterado da tradição” (LEITE, 2005, p. 28).

Neste sentido, esta invasão do industriarianato faz com que ocorra uma desvalorização da obra artesanal e conseqüentemente dos artesãos e das artesãs, visto que além da industrialização há cada vez mais a comercialização do “faça você mesmo” com kits de promessas de conseguir fazer cada vez mais produtos gastando menos tempo. Ainda, o fato do desconhecimento da pessoa adepta a tendência do faça você mesmo acerca das técnicas e matérias-primas requeridas e menos industrializadas e descartáveis (pouca durabilidade). Este cenário pode acarretar a fragmentação das etapas requeridas pelo saber-fazer artesanal que envolve o domínio e conhecimento do artesão e da artesã em todas as etapas da feitura, incluindo na seleção e preparação dos materiais; e na redução das etapas de confecção, pois os kits vem cada vez mais pré-prontos, visando tempo mínimo gasto para a confecção.

Ao visitar e frequentar feiras de artesanato nas diversas regiões do país nos deparamos com uma série de industriarianatos, sendo cada vez mais difícil encontrar uma obra artesanal nestes espaços. Dessa forma, identificamos que é comum os

turistas priorizarem o baixo custo da peça em detrimento do valor imaterial e material que esta possui, não atoa, os industriantes vão ocupando as prateleiras e barracas das feiras, fazendo com que o objeto de fato artesanal fique cada vez mais caro e seja encontrado em locais de comercialização dita elitizada.

## **UNIVERSIDADE ABERTA AO ARTESANATO, ARTESÃO E ARTESÃO**

A abertura nas instituições de ensino superior não somente ao reconhecimento dos saberes e fazeres artesanais, mas de seus fazedores, visto que tem sido crescente o uso de pesquisas com público-alvo os artesãos e artesãs, mas ainda os pesquisadores e docentes são os interlocutores dessas vozes. Consideramos os artesãos e artesãs como salvaguarda.

Neste sentido, foi proposto um contato com artesãos e artesãs de uma cidade de Minas Gerais com intuito de dialogar sobre a identidade e a tradição cultural do artesanato local. É significativo conhecer a identidade dos artesanatos produzidos na região, pois os fazedores de artesanatos, doceiras do campo, ceramistas e bordadeiras são elementos tradicionais e culturais no Triângulo Mineiro, uma vez que estes são essenciais para construção da cidadania.

O objetivo das ações extensionistas foram identificar por meio da promoção de Círculos de Cultura de Paulo Freire como fonte de diálogo com artesãos e artesãs, o etnoconhecimento envolvido nas etapas do saber-fazer, e a identificação de ações que atuam na preservação do artesanato tradicional. Desta forma, apontamos que o foco dos projetos estava na troca intergeracional, como fonte de aprendizagem do artesanato. As ações realizadas foram diálogos em torno da problematização diante dos desafios impostos para conseguir a preservação e perpetuação do artesanato, incluindo o uso da matéria prima local, e a dificuldade de que o valor de comercialização fosse compatível com o tempo de dedicação a confecção da obra artesanal, entre outros.

Para concretização das ações extensionistas foram exigidas adaptações em decorrência de que algumas etapas ocorreram no período pandêmico (Covid-19), sendo necessário o uso de webconferências, encontros virtuais síncronos e a adesão a grupo de whatsapp como estratégias facilitadoras para a comunicação com os artesãos e artesãs.

Em virtude da pandemia adotou-se formulário eletrônico e a capacitação da discente extensionista para o acolhimento e auxílio por telefone aos artesãos e artesãs visando o preenchimento do formulário e participação na Roda de Conversa (virtual). Foi possível identificar barreiras de acesso a inclusão digital, em parte devido a faixa etária, a maioria acima de 55 anos de idade. [...] E, inclusive a reação de algumas artesãs idosas que durante o suporte ao preenchimento demonstraram se sentirem reconhecidas, e que por vezes, os jovens da própria família (ex.: netos) não auxiliam na inclusão digital. (MINARÉ, LEMOS e COSTA, 2021, n.p.).

Neste sentido, foi um processo de descoberta que “*janelas virtuais abrem portas*”, aqui nos remetemos as janelas em analogia aos quadrados da sala virtual, que durante dois anos ficamos expostos. Todavia, estas janelas são janelas, logo, possibilitam o encontro com o outro, a possibilidade de contato com outros cenários para além do próprio lar.

Imagem 1: “Quando as janelas gritam, portas se abrem”



  /programainterfacesuftm

Realização:



Programa  
INTERFACES ENTRE ARTES,  
CIÊNCIAS & MATEMÁTICA



Pró-Reitoria de  
Extensão  
Universitária



Fonte: Divulgação. Disponível em: <https://www.uftm.edu.br/ultimas-noticias/4060-programa-de-extensao-interfaces-entre-artes-ciencias-matematica-apresenta-programacao-de-2022>

Durante esse período tentamos até construir um Círculo de Cultura, mesmo estando enquadrados na sala virtual, pois a convivência e a escuta foi circular; ou

seja, como aponta Paulo Freire “[...] a relação de simpatia entre os polos, em busca de algo e quando os dois polos do diálogo se ligam com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo” (FREIRE, 1994, p.115). Nesse sentido, consideramos as janelas abertas para o encontro, uma prosa virtual. A cada etapa dos projetos buscamos esta aproximação com os artesãos inclusive com aqueles que não tinham o hábito do contato virtual e tão pouco e-mail, foi uma oportunidade para a inclusão digital.

Para convidar os artesãos e artesãs foram confeccionados cartazes virtuais com os temas dos encontros, e foram divulgados nas redes sociais do Programa de Extensão, da Universidade. Abaixo, um dos cartazes utilizados no projeto:

Imagem 2: Logomarca do projeto de extensão, 2023.



Fonte: Divulgação. Disponível em: <https://www.uftm.edu.br/ultimas-noticias/5165-universidade-aberta-ao-artesanato-artesa-e-artesao-da-uftm-divulga-lancamento-do-guia-do-doce-em-janeiro>

No presente relato também expomos nossas inquietudes e esperanças dos autores em contato com a temática artesanato, os saberes e fazeres, os artesãos e as artesãs. Ao ancorar no Círculo de Cultura este propiciou nos guiar nos caminhos da perseverança, do cuidado para com as nossas raízes culturais; e a resistência no tempo da feitura da obra artesanal. E, diante da pergunta: Se o artesanato tem futuro? Nós cremos que a resposta depende da forma como cuidamos e acolhemos os artesãos e artesãs, e a nossa Mãe Terra.

Mãe Terra sob a compreensão de Leonardo Boff (2017, p.148) “o biorregionalismo permite deixar para trás o objetivo ‘de viver melhor’ (ética da acumulação ilimitada) para dar lugar ao ‘bem-viver e conviver’ (ética da suficiência), que implica a sempre o bem-estar para toda a comunidade e entrar em harmonia com a Mãe Terra [...]”.

Imagem 3: Convite de lançamento do e-book.

Lançamento do Livro

## Identidade do Artesanato de Tradição Cultural de Uberaba-MG

**Programação**

**10 | JUN | 2022**  
**Sexta-feira às 19h**

**Abertura Cultural**  
**Talinho** - Uberaba, MG  
Viola e Voz  
19h - 19h30

**Círculo de Cultura**  
19h30 - 20h30

**Prof. Alberto Luiz Pereira da Costa**  
Organizador do e-book - UFTM

**Angélica Carvalho Lemos**  
Artesã e Terapeuta Ocupacional - Coletivo de Mulheres de Herança Artesã

**Aguimar José Luiz**  
Artesão e Ceramista ALMA - Ateliê Livre Mineiro de Arte

**Rafaela Minaré**  
Discente extensionista - Graduanda Letras/UFTM

**Encerramento Cultural**  
**Zé Araújo** - Juazeiro, Bahia  
Viola e Voz  
20h30 - 21h

Local: Online e Auditório Sofra UFTM  
7900 da Rodovia da Rota Frei (Fruilão, nº 30)  
Bairro Acadia, Uberaba, MG.

Apelo:

Realização:

A imagem de fundo mostra uma pessoa bordando um mapa de Uberaba em um tecido dentro de um alicerce de bordado.

Fonte: Divulgação. Disponível em: <https://www.uftm.edu.br/ultimas-noticias/3955-programa-de-extensao-promovera-lancamento-de-livro-sobre-artesanato>

Cabe trazer à baila, que uma das etapas do projeto, durante o período pandêmico, foi a realização de uma revisão narrativa contemplando a identidade, difusão e reconhecimento do artesanato da cidade de Uberaba, Minas Gerais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: Papagaio que acompanha João-de-barro vira ajudante de pedreiro**

O presente relato enfocou nas inquietudes, reflexões e esperanças dos autores em contato com a temática artesanato, sobretudo a realidade dos artesãos e artesãs que carregam resquícios da tradição envolvida nos saberes e fazeres das técnicas

artesanais. O Círculo de Cultura freireano foi mais que um alento, foi possibilidade de encontro fértil e que propiciou nos guiar nos caminhos sem perder a perseverança.

Após os encontros nos debruçamos sobre o quanto se faz emergente o cuidado para com as nossas raízes culturais e a resistência no tempo dedicado para a confecção de uma obra artesanal. Ainda, entrevemos para pesquisas futuras dedicar sobre a temática da preservação e aprendizagem das técnicas artesanais nos casos em que este saber ocorre pela troca intergeracional e pela partilha de saberes entre mestres artesãos e artesãs para os aprendizes a partir da oralidade. Importante expor o fato de que muitos artesãos e artesãs em decorrência da vulnerabilização não possuem registros escritos dos seus *pulos do gato* na artesanaria, sendo a oralidade a principal forma de registro da aplicação da técnica e demais descobertas sobre o fazer artesanal a partir da experiência; o “saber de experiência feito” de acordo com Paulo Freire (2015).

E, diante da pergunta: Se o artesanato tem futuro? Nós cremos que a resposta depende da forma como cuidamos e acolhemos os artesãos e artesãs, logo a pergunta que nós fazemos é: Qual o futuro do artesão e da artesã? Afinal, embora temos identificado iniciativas para a valorização e reconhecimento dos artesãos e artesãs, a exemplo a Carteira Nacional do Artesão: reconhecimento formal da sua produção artesanal ou da condição de mestre artesão. E, ao mesmo tempo, o acesso a políticas públicas, no âmbito do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), como acesso a mercados (feiras nacionais), ao microcrédito e à capacitação técnica [...] (BRASIL, 2025). Porém, como a Carteira Nacional do Artesão pode colaborar para a aposentadoria do artesão e da artesã? Esta incerteza inúmeros artesãos e artesãs a carregam.

Embora, atualmente há o Ministério da Cultura e a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), o artesanato ainda encontra-se vinculado à Secretaria Nacional do Artesanato e do Microempreendedor Individual no Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Ora, o nosso artesanato remete apenas há um produto comercial? Convidamos para uma reflexão da ampliação da potencialidade do artesanato reconhecido como arte popular e se fosse vinculado também ao Ministério da Cultura e a FUNARTE.

Por fim, o nosso relato traz mais perguntas do que respostas, e as inquietações frente ao futuro dos artesãos e das artesãs e das obras artesanais nos acompanham

dia-a-dia. Afinal, “[...] o futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2014, p.65). E, no alento de que sigamos de mãos dadas nós pesquisadores com os artesãos e artesãs, portanto, os saberes acadêmicos com os saberes populares, como nos inspira os versos de Carlos Drummond de Andrade (2012):

Não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade. O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOFF, L. **Ética e espiritualidade**: como cuidar da Casa Comum. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. **Obter Carteira Nacional do Artesão (Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro - SICAB)**. [S.l.] 19, agosto de 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-carteira-nacional-do-artesao-sistema-de-informacoes-cadastrais-do-artesanato-brasileiro-sicab> . Acesso em: 30 ago. 2025.

CABRAL, C. B. **Patrimônio cultural imaterial**: convenção da Unesco e seus contextos. Lisboa: Edições 70, 2011.

CANCLINI, N.G. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução: COELHO, C.N. São Paulo: editora brasiliense, 1983.

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**: estratégia para entrar e sair da modernidade. Tradução: CINTRÃO, H. P.; LESSA, A.R. 4. ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019 (Ensaio latino-americanos).

MINARÉ, R. LEMOS, A.C. COSTA, A.L.P. Identidade do artesanato de tradição cultural de Uberaba, mg: relato de experiência de troca intergeracional. **Anais... 7ª Jornada Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JIEPE**. Disponível em: <https://sistemas.uftm.edu.br/integrado/sistemas/evt/trabalho.php?resumo=2770>

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Linhas de ação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI)**. 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/>>. Acesso em: 30 outubro de 2021.

LEITE, Rogério Proença. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. In: CAVALCANTI, Cláudia (Org.). **Olhares Itinerantes**: reflexões sobre o artesanato e consumo da tradição. São Paulo, Central ArteSol, 2005.

PINHO, M. S. M. de. Produtos artesanais e mercado turístico. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Território Brasílis, 2002. p. 169-189.

ROCHA, S. Artesão: Sujeito e objeto de seu trabalho. **Boletim da Comissão Mineira de Folclore**, n. 10, 1986. Disponível em: [http://www.folcloreminas.com.br/Revista\\_N10\\_A1986\\_Rocha.htm](http://www.folcloreminas.com.br/Revista_N10_A1986_Rocha.htm). Acesso em: 10 de outubro de 2021.